

O SUICÍDIO PARA ALBERT CAMUS: O QUESTIONAMENTO QUE IMPORTA*

SUICIDE FOR ALBERT CAMUS: THE QUESTION THAT MATTERS

Jeferson Forneck**

RESUMO

O presente trabalho analisa, a partir dos escritos de Albert Camus (1913-1960), a dimensão filosófica do absurdo, do suicídio e suas respectivas consequências. Camus nasce em Mondovi, província da Argélia e perde o pai no ano de 1914 em uma batalha da Primeira Guerra mundial. O autor de *O mito de Sísifo* elabora ensaios e romances sobre o tema do absurdo. No ensaio a seguir analisa-se o conceito de absurdo desenvolvido pelo autor e as consequências em torno de tal raciocínio. Destaca-se a possibilidade do sujeito em relação à opção pela vida. Consta-se a atitude filosófica do sujeito consciente do absurdo. Destarte, tencionam-se os conceitos utilizados pelo autor em relação à atitude filosófica que leva as pessoas a optarem pela vida. Com tal estudo é possível analisar e enfatizar a primeira fase do pensamento do autor argelino e as contribuições diante da reflexão sobre o suicídio. Por fim, apresentam-se hipóteses do autor com a intenção de, em meio ao absurdo da existência, conviver com a condição absurda e não morrer de suicídio.

PALAVRAS-CHAVE: Albert Camus; absurdo; suicídio; atitude filosófica; existência.

ABSTRACT

This paper examines the philosophical dimension of the absurd and suicide, based on the writings of Albert Camus (1913-1960). Camus, born in Mondovi, Algeria, lost his father in 1914 in the First World War. The author of "The Myth of Sisyphus" elaborates essays and novels on the theme of the absurd. In the following essay, the concept of the absurd developed by him and its consequences are analyzed. The possibility for the individual to choose life despite the absurd is highlighted. The philosophical attitude of the individual aware of the absurd is noted. Furthermore, the concepts used by Camus regarding the philosophical attitude that leads people to choose life are examined. This study allows for an analysis of the first phase of the Algerian author's thought and his contributions to the reflection on suicide. Finally, the author's hypotheses are presented with the intention of living with the absurd condition of existence and avoiding suicide.

KEYWORDS: Albert Camus; absurd; suicide; philosophical attitude; existence.

* Artigo recebido em 31/05/2024 e aprovado para publicação em 02/07/2024

** Mestre e graduado em Filosofia pela PUCRS. E-mail: jefersonforneck@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A preocupação inicial deste ensaio é com a morte. Porém, não apenas a morte dita de modo natural, mas com a morte voluntária das pessoas, que é algo preocupante. O suicídio não pode ser tido como um fenômeno isolado; tal ato faz parte de um conjunto de fatores que leva à conclusão de que a vida não vale a pena ser vivida em determinadas circunstâncias.

A preocupação central é analisar o fenômeno do suicídio sem o intuito de criar juízos sobre quem morre de tal forma. Busca-se por meio da pesquisa possibilitar uma análise que auxilie as pessoas a optarem pela vida. Mesmo em condições que pareçam impossíveis, o sujeito pode optar pela vida. Pensa-se a realidade absurda, descrita por Albert Camus, em seu livro *O mito de Sísifo* e as respectivas consequências do absurdo na vida das pessoas do contexto conturbado do século XX.

A seguinte pesquisa tem como objetivo geral apresentar o que leva o sujeito a optar pela vida em meio ao absurdo. Qual a atitude filosófica que leva a pessoa a escolher a vida em meio ao absurdo? Pensa-se sob o prisma da filosofia do absurdo de Albert Camus. Analisam-se os métodos pelos quais o autor aponta a opção pela vida como a melhor a ser feita mesmo em meio ao absurdo.

1 O ABSURDO PARA ALBERT CAMUS

Albert Camus desenvolve ao longo da obra *O mito de Sísifo* a noção de absurdo. Diante do sofrimento, é possível encontrar-se em um grande dilema: a vida vale ou não a pena ser vivida? De que vale outra resposta senão esta para a vida de uma pessoa? Para ele “só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio. Julgar se a vida vale ou não vale a pena ser vivida é responder à pergunta fundamental da filosofia” (Camus, 2019, p. 19).

A questão acima citada é a mais destacada no primeiro ciclo das obras de Camus. A filosofia precisa preocupar-se primordialmente em responder se a vida vale ou não a pena ser vivida. Os demais questionamentos são, para o filósofo, problemas secundários. Julgar que a vida não vale a pena é uma atitude genuinamente filosófica, pois o ser humano resolve dar um fim a sua vida quando descobre que esta não tem sentido.

“Albert Camus participou diretamente dos acontecimentos de seu tempo e, por meio da escrita, teceu uma crítica social ao Século XX” (Dellagnezze, 2017). Em seus escritos desenvolve suas críticas em relação ao absurdo de sua época. São tempos difíceis em que cada

sujeito sofre com as decisões políticas e partidárias das nações no conflito de guerra, por interesses econômicos, territoriais e de hegemonia política. O fato é que várias pessoas morrem todos os dias por causas distintas. O importante é destacar o motivo, não somente sendo a guerra, porém ela desenvolve outras atrocidades, como a violência, repressão, fome, miséria e a perda de milhões de vidas por conflitos políticos.

“Galileu, que sustentava uma verdade científica importante, abjurou dela com a maior tranquilidade assim que viu sua vida em perigo” (Camus, 2019, p. 19). Nesse sentido a vida, para Camus tem maior valor do que qualquer outra teoria científica. As teorias são fúteis sem a vida. Quando uma pessoa resolve tirar a própria vida, o faz pelo fato de considerar que esta não vale a pena ser vivida.

O absurdo é abordado de diversas maneiras nas obras do autor. Já na introdução de *O mito de Sísifo*, é destacado como esse pensamento teve origem na própria realidade de vida de Albert Camus. Ele que teve “uma infância miserável em Argel, [...] a tuberculose, que se declara precocemente e que, com o sentimento trágico de absurdo infundem nele um desejo desesperado de viver” (Camus, 2019, p. 9). associam-se, assim, vida e a obra, entrelaçadas por esse motivo. Diante da miséria enfrentada, ele toma uma atitude. Escrever sobre o que se passa e quais métodos oferecer às pessoas para enfrentarem a miséria.

Camus, em suas obras, assinala os problemas da sociedade. Ele vive em um período histórico conturbado. A miséria e a fome são resultados das guerras. Diante desses acontecimentos, as pessoas encontram-se em meio a um grande dilema. A vida vale ou não vale a pena ser vivida? Esse questionamento não era visto como individual. “Sempre se tratou o suicídio apenas como um fenômeno social, trata-se, para começar, da relação entre o problema individual e o suicídio. Um gesto desses se prepara no silêncio do coração” (Camus, 2019, p. 20), pois segundo Camus “começar a pensar é começar a ser atormentado” (Camus, 2019, p. 20). O impulso do suicídio é interno. Realiza-se de modo reflexivo no íntimo de cada pessoa que busca dar um fim à própria vida.

Matar-se, [...] é confessar. Confessar que fomos superados pela vida ou que não a entendemos. [...] Viver, naturalmente, nunca é fácil. Continuamos fazendo os gestos que a existência impõe por muitos motivos, o primeiro dos quais é o costume. Morrer por vontade própria supõe que se reconheceu, mesmo instintivamente, o caráter ridículo desse costume, a ausência de qualquer motivo profundo para viver, o caráter insensato da agitação cotidiana e a inutilidade do sofrimento (Camus, 2019, p. 21).

No trecho acima citado o autor explicita os fatores que conduzem uma pessoa a cometer suicídio. Tem-se em vista o absurdo apresentado pelo caráter ridículo dos costumes e pelas dificuldades que a vida apresenta, possibilitando um forte sentimento de esgotamento. O absurdo não está dissociado da vida das pessoas; para Camus (2019, p. 21) ele é sempre uma aspiração ao nada.

O absurdo é um ponto de partida, um método, como afirma o próprio Camus, e não uma conclusão da filosofia. [...] O homem, no entanto, tem que dar uma resposta frente ao absurdo. A primeira que ele dá é o suicídio, de que Camus logo se afasta, pois ele não representa realmente uma solução, não enfrenta o problema, mas foge, é um salto. [...] A pergunta pela vida e pela morte não são tão simples quanto se apresentam (Nogaro, 1991, p. 50).

A resposta para a questão sobre dar um fim ou não parece simples, “parece que ou você se mata ou não se mata, só há duas soluções filosóficas a do sim e a do não” (Camus, 2019, p. 22). Camus expõe nesse trecho as possibilidades em relação ao suicídio. Contudo, considera aquele que opta por não tirar sua vida como se tivesse optado em deixá-la, pois sofre cotidianamente com a mesma questão. Já a pessoa que optou em dar um fim à sua vida tem a certeza do sentido dela (Camus, 2019, p. 22).

O absurdo é considerado um sentimento. O filósofo francês considera que esse sentimento “do absurdo pode bater no rosto de um homem qualquer. Tal como é, em sua nudez desoladora, em sua luz sem brilho, esse sentimento é inapreensível” (Camus, 2019, p. 25). O sentimento inapreensível faz parte da vida das pessoas, pelo fato de o ambiente ser absurdo, desde o início. Camus apresenta o absurdo como parte do cotidiano.

[...] para Camus o sentimento do absurdo é uma espécie de desconforto sentido a partir do momento em que aquela questão pelo sentido [...] se apresenta como não possível de receber uma resposta imediata. Camus frisa a importância no que diz respeito ao aspecto epistemológico e, portanto, para o despertar do existente. É pela experiência de tal ‘sentimento do absurdo’ que a consciência é despertada para a investigação existencial (Silva, 2009, p. 209-210).

O homem em seu cotidiano é rodeado de absurdo, em especial, porque se submete a uma rotina permeada de tarefas. “Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo” (Camus, 2019, p. 27). Diante desse cotidiano maquinal o sujeito se questiona: por que faço o que faço?

Tal questão é essencial para compreender o absurdo presente na vida das pessoas. Isso acontece pela necessidade de produção. A jornada de trabalho das pessoas acarreta uma grande lassidão. O sujeito perde seu ânimo por meio do cansaço de sua rotina. Ao perceber o cotidiano desgastante, o sujeito se encontra com o dilema primordial presente na obra de Camus: suicídio ou restabelecimento. Esse momento é muito importante na vida das pessoas, pelo fato de “tudo começar na consciência e nada vale sem ela” (Camus, 2019, p. 27).

Assim, é o próprio tempo a se relacionar com o absurdo; viver como um caminhar rumo à morte, única que via que, contudo, deve rejeitar. “O mundo nos escapa porque volta a ser ele mesmo” (Camus, 2019, p. 28). O mundo se torna estranho para o sujeito, pois retorna à sua condição, o homem não. Isso provoca uma estranheza tamanha do homem em relação ao mundo, pelo fato de o tempo consumir o homem e o mundo permanecer. Isso faz parte da realidade absurda, na qual o homem experimenta um mal estar existencial.¹

Camus concebe o absurdo como o que é lógico e axiologicamente inconveniente (segundo a etimologia grega do termo *átopon*, que ao pé da letra significa “fora do lugar”) e considera-o oriundo de um “divórcio” entre as expectativas da paixão e a feia realidade dos fatos, ou então do contraste entre a opacidade indiferente do universo e desejo humano de felicidade e clareza (Absurdo, 2012, p. 7).

O homem, que tem necessidade de clareza, se dá conta da realidade obscura em que vive, percebendo que há um sentimento que o assombra, o absurdo. Camus “[...] se moveu entre a rebeldia e o absurdo, entre a aridez da condição humana e sua emancipação por meio da justiça e a verdade, e por uma grande responsabilidade diante das exigências de seus semelhantes” (Herrando, 2020). O absurdo, para o autor, está intimamente ligado com a noção de responsabilidade diante dos acontecimentos que levam à fome e miséria.

Camus clarifica seu ponto de vista sobre o absurdo no andamento da obra *Mito de Sísifo*, em especial nos trechos em que afirma a contradição presente no mundo e no pensamento do homem. Existe algo que faz o mundo ser um absurdo. Não é somente um sentimento ou algo dissociado do homem ou do mundo que cria a ideia de absurdo. É uma ligação do homem com o mundo que desencadeia muitos aspectos referentes ao absurdo.

Entendo que posso apreender os fenômenos e enumerá-los por meio da ciência, mas nem por isso posso captar o mundo. Quando houver seguido todo o seu relevo com o

¹ Jean-Paul Sartre (1905-19) caracteriza n’*A náusea* uma contingência. A náusea para Sartre é um mal-estar em meio à realidade. É um sentimento que pode vir a não ser, depende do engajamento da pessoa (Sartre, 2015, p. 25-26). É perceptível na obra de Camus uma constatação da realidade enquanto absurda. Diferentemente da noção de náusea, o absurdo faz parte da vida, independentemente do momento e engajamento.

dedo, não saberei muito mais sobre ele. [...] Estranho a mim mesmo e a este mundo, armado somente com um pensamento que se nega quando afirma, que condição é esta em que só posso ter paz deixando de saber e de viver, em que o apetite de conquista se choca contra os muros que desafiam seus assaltos? Querer é suscitar paradoxos (Camus, 2019, p. 33).

Estranhamente, a humanidade está no mundo e se questiona sobre as desumanidades que ali ocorrem. Pensa-se que poderia ser diferente. Assim surge o pensamento do mundo absurdo, repleto de contradições e desumanidades (Camus, 2019, p. 33-34).

[...] este mundo não é razoável em si mesmo, eis tudo o que se pode dizer. Porém o mais absurdo é o confronto entre o irracional e o desejo desvairado de clareza cujo apelo ressoa no mais profundo do homem. O absurdo depende tanto do homem quanto do mundo. Por ora, é o único laço entre os dois. [...] A partir do momento em que é reconhecido, o absurdo é uma paixão, a mais dilacerante de todas (Camus, 2019, p. 34).

Dessa forma, Camus clarifica cada vez mais o absurdo e seu sentido em relação ao homem e ao mundo. O absurdo não se dá somente na racionalidade humana, nem no mundo por si só. É a junção ilógica de uma sede de clareza, presente na racionalidade humana, e um mundo repleto de contradições, morte, fome, guerra e miséria. O homem percebe-se diante desse mundo; eis a sensação de absurdo. Nessa perspectiva, Camus clarifica o absurdo entre a relação da mente humana com o mundo, a indiferença possui predomínio nessa relação.

O ser humano é confrontado com diversas contradições; “sente em si o desejo de felicidade e de razão. O absurdo nasce desse confronto entre o apelo humano e o silêncio irracional do mundo” (Camus, 2019, p. 39). O irracional, a nostalgia do ser humano e o absurdo surgem do encontro entre homem e mundo. Camus se empenha em “demonstrar que a sistematização e a racionalização do mundo são meras ilusões jamais podendo se concretizar na existência efetiva” (Vieira, 2011, p. 11).

O absurdo não existe somente no intelecto humano, nem no mundo por si só. O que faz o absurdo é a união de homem e mundo. A presença comum é o laço que os une. O absurdo não pode existir fora da mente humana nem fora do mundo. A relação de um com o outro exprime a primeira verdade (Camus, 2019, p. 41). É necessário saber como livrar-se desse absurdo. Mesmo sabendo que o absurdo continua. Encara-se o absurdo sem deixar a vida através do suicídio. “Um homem consciente do absurdo está ligado a ele para sempre”

(Camus, 2019, p. 42) Dessa forma o absurdo está presente na vida do ser humano, com ou sem aceitação².

O absurdo não é uma “evidência que o homem constata sem admitir. A luta é evitada. O homem integra o absurdo e nessa comunhão faz desaparecer seu caráter essencial que é oposição, dilaceramento e divórcio” (Camus, 2019, p. 45). Constata que para o homem existe somente uma força a que possa recorrer. Sua força é o homem por si só diante da miséria, fome e guerra.

Camus considera que “ao implicar a condição de sentir-se estranho, o absurdo sugere ao homem e à mulher existir sem apelar, sugere não haver sentido algum que ultrapasse este mundo, sugere que o que existe é o que a condição sensível do ser humano pode alcançar” (Almeida, 2019, p. 92). Dessa forma o sujeito, diante do absurdo, não hesita crer em nada além de si mesmo.

A racionalidade do homem sempre se encontra em meio ao absurdo. A razão quer clareza e possui sua ordem. Contudo, diante de uma teoria na qual a razão encontra seu limite ou se volta contra si mesma, encontra o absurdo. Tudo isso para ratificar a necessidade de clareza que o homem precisa diante do mundo. Sabendo que a razão pode encontrar contradições o homem não despreza a razão totalmente, nem se arrisca à irracionalidade (Camus, 2019, p. 46).

O mundo em si não é absurdo; o absurdo é o confronto entre a aparente irracionalidade do mundo e a busca por clareza e sentido que ecoa no coração humano. Camus sustenta que, quando se pretende derivar diretamente desse ‘*sentimento do absurdo*’ uma regra positiva de ação, o crime de morte torna-se ‘*pelo menos indiferente e, portanto, possível*’ (Morbach, 2019).

Contudo, Camus clarifica o absurdo em suas obras. Não justifica o assassinato, nem o genocídio, mas explicita o absurdo presente as situações que levam as pessoas a isso.

O importante, para Camus, é conseguir viver com o absurdo. Pois como citado acima, o sentimento absurdo não pode ser negado. Faz o coração das pessoas carecer de esperança. Camus clarifica o que é o absurdo em suas obras e identifica um sujeito absurdo. Esse sujeito precisa encarar a realidade que o assombra, assim como ela é. O homem constata sua

² “Mesmo que devesse viver três vezes três mil anos, ou três vezes dez mil anos, nunca te deverias esquecer de que ninguém perde senão a vida que está vivendo, nem vive senão a que perde. Assentado isso, a existência mais curta e mais breve se equivalem. Sem dúvida, só o tempo presente é igual para todos, também o é o tempo que se esvai” (Aurélio, 2008, p. 24). Assim assinala Marco Aurélio sobre a vida. Clarifica-se a ideia de que o imperador romano também se importava com a vida e em viver a vida. Pois uma pessoa só pode perder a vida que vive e o tempo passa para todos os homens.

necessidade de viver a vida presente, sem apelar à vida pós-morte ou vida eterna. É necessário encarar o absurdo, pois o homem busca a clareza. Porém a clareza não se busca em entidades metafísicas. Para Camus isso seria uma apelação do homem que busca negar o absurdo. Seria um suicídio filosófico (Camus, 2019, p. 48-49).

“Buscar o verdadeiro não é buscar o desejável” (Camus, 2019, p. 50). A atitude de busca por clareza, não é considerada a busca por aquilo que é confortável ao intelecto. Pode ser uma descoberta que assuste o ser humano. A descoberta de milhares de mortes em uma batalha da guerra é uma notícia assustadora à sociedade. O genocídio de milhares de judeus em campos de extermínio é informação desconfortável ao cidadão que corre risco. O absurdo acontece nesse choque de expectativa e realidade.

Camus indica o caminho do sujeito absurdo em meio às discrepâncias do mundo. Ele “quer saber se é possível viver sem apelação” (Camus, 2019, p. 59) O que o autor quer identificar é a necessidade de viver que o homem tem. Porém, Camus considera que não é necessário apelar a um ser divino, ou crer em uma vida eterna. O absurdo necessita ser encarado do jeito que se manifesta, sem precisar apelar³.

Camus não se importa com o salto da fé que é dado para conseguir suportar o absurdo. Ele considera isso algo bizarro. O salto da fé faz do absurdo um critério para o outro mundo (Camus, 2019, p. 47), “enquanto não passa de um resíduo da experiência do mundo. ‘Em seu fracasso’, diz Kierkegaard, ‘o crente encontra seu triunfo’” (Camus, 2019, p. 47).

Com esse fator Camus conclui que não é possível ter fé ou esperança. “Quem não tem fé, a exemplo de Camus, vive a moral da quantidade – vive o máximo de experiências sem se preocupar com a qualidade ou com o sentido que apresentam –, do usufruir o mais possível de uma vida que passa rápido e finda no nada” (Nogaro, 1991, p. 77). Concluindo isso, a esperança não é algo a ser alimentado. É uma apelação que inibe a capacidade do homem absurdo de vivenciar o maior número de possibilidades em relação ao mundo.

Para Camus, Kierkegaard não mantém o equilíbrio entre irracionalidade do mundo e nostalgia rebelde do absurdo. Quando não consegue escapar da irracionalidade irá apelar à divindade. Kierkegaard, ao dar o salto da fé, quer se livrar do absurdo, quer se curar. Contudo,

³ O filósofo franco-argelino abre uma crítica a Kierkegaard, pois não concorda com a ideia do salto metafísico. Isso não pode ser critério para justificar a existência de Deus. Kierkegaard assinala o caminho do desesperado ao encontro de Deus. “O desespero que se perde no infinito é portanto imaginário e informe. Porque o eu não tem saúde e não está livre de desespero, senão quando, tendo desesperado, transparente a si mesmo, projeta-se até Deus” (Kierkegaard, 2009, p. 34). Camus não compactua com tal justificativa em relação ao absurdo. Para Camus o absurdo não pode ser justificado com o nome de Deus. É uma apelação que faz o sujeito deixar de viver o que pode viver na vida.

o absurdo está presente e o ser humano não consegue escapar de tal fato. Camus defende que o importante não é se curar, mas conseguir conviver com os males que assombram o ser humano. Somente assim o sujeito consegue enfrentar o absurdo e escolher a vida. A apelação é um suicídio filosófico (Camus, 2019, p. 47-48).

O filósofo d’*O mito de Sísifo* indica que “não é a existência, mas o existente que importa. Não é a morte que está em causa, mas o ‘eu morro’. É o sentimento do pessoal, do humano; *fugir é fugir de si, é negar-se como homem*” (Nogaro, 1991 p. 27, grifo nosso). O sujeito que nega sua vida acaba com o sofrimento, porém acaba com toda possibilidade de restabelecimento. O importante é voltar o olhar ao sujeito e afirmá-lo enquanto ser humano repleto de possibilidades em um mundo absurdo.

“O mundo é por si. Nada me leva além dele. Agora, é o que temos a conquistar, e só o que temos. A sensibilidade não autoriza buscar mais do que o mundo e mais do que esta vida” (Guimarães, 1971, p. 27). Nesse ponto de vista, o ideal a ser buscado não é a recompensa da vida após a morte. Porém, o filósofo d’*O mito de Sísifo* indica o mais importante a ser buscado é somente as possibilidades da vida terrena e não alimentar esperanças de algo que não for dessa vida. A atitude a ser tomada é da não apelação.

Camus conclui que o suicídio filosófico é uma atitude existencial. É a maneira que o pensamento usa para negar a si mesmo. A negação do pensamento é o Deus dos existencialistas. Tendo seu sustento somente na negação da razão humana. Essas negações da razão humana baseada em um Deus se inspiram na vida eterna. É preferível negar-se, ao perder a gratificação da vida eterna. Camus (2019, p. 50-51) está interessado em esclarecer os procedimentos que levam uma pessoa a não apelar pela gratificação da vida eterna, ou nostalgia do espírito.

A atividade do pensamento para Camus é o encontro com a realidade. “Pensar não é unificar, familiarizar a aparência com o aspecto de um grande princípio. Pensar é reaprender a ver, dirigir a própria consciência, fazer de cada imagem um lugar privilegiado” (Camus, 2019, p. 51). Ele constata que não existe somente uma verdade absoluta, porém existem verdades. Camus assinala que não se pode ficar somente com aquilo em que se acredita, se assim o fosse não existiria contradição. Contudo, o mundo é repleto de contradições. Isso faz com que exista mais que uma verdade. O pensamento não é somente consciência é também experiência (Camus, 2019, p. 51).

Camus não pretende encontrar na metafísica uma consolação. Pois qual pode ser a significação de uma entidade metafísica em um mundo absurdo? Camus descobre um salto

quando a razão divina busca se sobrepor à razão humana. Mesmo sendo uma abstração, isso significa uma negação e esquecimento da capacidade racional do ser humano (Camus, 2019, p. 52).

A ausência de uma esperança não é o desespero, mas a aceitação do imediato. [...] O sentimento absurdo nasce do contato dum exigência racional de consciência e dum irracional disperso no mundo; não é uma lei de espírito, mas seu escândalo. Por meio desse modo de pensar, desta contradição, o pensamento de Camus caminha para a concepção de uma ordem que deve ser designada humana (Nogaro, 1991, p. 71).

O importante não é a apelação que o sujeito aplica ao concluir o absurdo. Para Camus não apelar é a atitude do sujeito absurdo; ele afirma que o “filósofo abstrato e o filósofo religioso partem do mesmo desconcerto e se apoiam na mesma angústia. Mas o essencial é explicar. Aqui a nostalgia é mais forte que a ciência” (Camus, 2019, p. 55). Ele afirma a necessidade de apelação. É evidente que quem pensa assim quer se curar, se curar do absurdo, sem enfrentá-lo. Quando o religioso diviniza o mundo ele cai em uma espécie de irracionalização. A noção de razão não tem um sentido único (Camus, 2019, p. 55).

Portanto Camus (2019, p. 56) conclui que o “absurdo fixa seus limites, porque é impotente para acalmar sua angústia. [...] O absurdo é a razão lúcida que constata seus limites” Assim o sujeito absurdo é aquele sujeito consciente dos limites. Não apela a divindade alguma, pois sabe que não irá atendê-lo. O homem absurdo é aquele que conclui os limites e analisa a evidência que desperta o raciocínio absurdo, que é o próprio absurdo. O divórcio entre o mundo e o intelecto é que decepciona o homem. Uma análise que decepciona o homem não pode levá-lo à apelação, mas sim a encarar o absurdo com a vida que tem. Sem desejar perdê-la ou dar um fim a ela (Camus, 2019, p. 55-56).

2.1 CONTRADIÇÕES PERANTE A VIDA

A morte é algo que assombra a vida das pessoas. A cada dia que passa o homem se aproxima do fim da vida. Esse fato é inevitável. A questão primordial é a seguinte: pôr um fim à vida ou esperar que a morte venha por si própria? O homem pode ter um grande apego a sua vida, tornando-o mais forte que todas as misérias presentes no mundo. Negar que a vida não tenha sentido, para Camus, não é considerar que ela não possa valer a pena ser vivida. Segundo Camus “as pessoas se matam porque a vida não vale a pena ser vivida, eis a verdade incontestável – infecunda, entretanto, porque é um truísmo” (Camus, 2019, p. 23).

O fato é que pessoas morrem, todos os dias. O que o filósofo franco-argelino busca é o que leva uma pessoa a realizar a morte voluntária. “Conhecemos a famosa expressão de Albert Camus, quando diz que só há um problema filosófico radical: ‘suicido-me ou não me suicido’. Se me suicido, todos meus problemas acabarão junto com o meu mundo; se não me suicido, escolho a vida, com tudo o que isso significa” (Souza, 2004, p. 61).

O importante é destacar que o pensamento sobre o suicídio brota de um momento profundo de crise. Aquele momento delicado em que o sujeito busca livrar-se do sofrimento em relação à fome, miséria e guerra. É o momento de emergência da atitude filosófica que busca optar pela vida e tudo que ela traz. É importante ter em mente que o absurdo está presente. Esse fato só é eliminado pela morte, porém a morte elimina toda e qualquer possibilidade de restabelecimento.

O raciocínio leva o sujeito suicida a tirar sua vida. É um raciocínio absurdo que o leva a tal finalidade. “O absurdo comanda a morte, temos que dar prioridade a este problema sobre os outros” (Camus, 2019, p. 24). Camus procura dessa maneira a lógica do pensamento absurdo que leva o sujeito à morte.

[...] nesse seu ensaio, mais do que afirmar uma correlação necessária entre o absurdo e o suicídio, Camus pretende investigar e avaliar com rigor as possibilidades da atitude humana ante a absurdidade. Destarte, considera que a desmedida e o desarrazoado mundano por si sós não fundamentam o absurdo de existir. Não há absurdidade fora do espírito humano, ou sem o embate entre ele e a realidade que o circunda; vemos, assim, que a morte voluntária opera propriamente a desapareição do objeto a ser perscrutado (Paiva, 2013, p. 118).

O objetivo de Camus é elucidar as contradições entre a vida e o mundo. Ele quer saber quais as oportunidades do sujeito, ao perceber-se em meio ao absurdo. A preocupação primeira é se o suicídio é a melhor solução. “Depois do despertar vem, com o tempo, a consequência: o suicídio ou restabelecimento” (Camus, 2019, p. 27). Camus se preocupa em clarificar as possibilidades que o sujeito tem em relação à oportunidade do suicídio.

A morte, para Camus, é o que separa o homem de sua vida. Contudo há algo que deixa o homem com um sentimento que possa potencializar a sua vontade de morrer ou viver. A partir do momento em que o sujeito percebe o absurdo ele analisa as contradições do mundo. Suas expectativas podem não ser alcançadas. Seu esforço pode ser inútil. O sujeito percebe que o absurdo está presente no mundo e que não pode afastar-se dele. Essa percepção auxilia o sujeito a tomar a atitude de restabelecer-se.

Para Camus “o mais terrível dos sofrimentos poderá ser suportado, se for justificado” (Paiva, 2013, p. 118). Contudo o problema está quando o sujeito não consegue justificar o sofrimento. Esse pode ser um motivo para o suicídio. Isso auxilia a compreender e justificar as razões para a existência do sujeito.

2.2 SUICÍDIO SEGUNDO ALBERT CAMUS

O sujeito pode encontrar-se em um estado de vida melancólico, ao ser vítima da indiferença das outras pessoas. Para Camus “teríamos que saber se no mesmo dia um amigo do desesperado não o tratou de modo indiferente” (Camus, 2019, p. 21). Isso pode ser causa suficiente para desencadear a atitude de suicidar-se. Não é somente a indiferença, mas todos os sentimentos que o suicida traz consigo antes do encontro com um amigo indiferente.

Camus não se preocupa com os conteúdos que estão afastados dos homens, conteúdos abstratos capazes de serem assimilados apenas pelos ‘escolhidos’. Seus conteúdos filosóficos são comuns a todos os homens; isto é, acessíveis. Mais ainda, são práticos, motivam ações. São conteúdos que refletem sobre o viver, seu sentido, seu absurdo, enfim, refletem sobre questões que geram verdadeiros torvelinhos em nós (Vicente; Gontijo, 2011, p. 2).

Nessa perspectiva, a vontade de viver se torna maior em meio ao absurdo apresentado pelo mundo. Camus questiona a necessidade da criação de um vasto conteúdo filosófico. Ele questiona a função do sistema filosófico, pois se preocupa com as pessoas que podem ser auxiliadas com uma filosofia mais próxima da realidade. A filosofia do autor franco-argelino auxilia a encarar tal realidade. Camus identifica que a atitude do suicídio não pode ser ignorada. “Matar-se, em certo sentido, e como no melodrama, é confessar. Confessar que fomos superados pela vida e que não a entendemos” (Vicente; Gontijo, 2011, p. 2). Essa atitude é a mais comprometedora, pois acaba com todas as possibilidades de restabelecimento. O suicídio dá fim ao absurdo, porém dá fim a vida do sujeito.

Para Camus (2019, p. 78) há várias maneiras de cometer suicídio, uma delas é “a doação total e o esquecimento da própria pessoa”. O momento do esquecimento de si próprio é o momento do suicídio, pois a pessoa entrega-se de tal modo a outra pessoa que deixa de se preocupar consigo e sua própria vida.

Camus indica que é possível viver sem a apelação, como, por exemplo, crer que a vida eterna. O sujeito que constata o absurdo e comete tal apelação já cometeu um suicídio. Deixa

de viver o que pode ser vivido na vida que tem, preocupando-se somente com os supostos benefícios da vida eterna.

Camus, na obra *A peste*, relata a história da cidade de Orã, devastada pela peste. Primeiro ela afeta os ratos, que são encontrados mortos nas ruas. Ao passar dos dias esse fato acontece de modo consideravelmente alto. O médico ReiuX se preocupa com o que pode acontecer. Aos poucos as pessoas começam a morrer devido à peste. Cada vez mais o prefeito da cidade busca encontrar medidas preventivas de isolamento. Contudo, a peste só aumenta a sua proporção. O Dr. ReiuX, ao longo do texto, é questionando sobre sua descrença em Deus. Ele se encontra em um grande questionamento. O médico responde que

[...] se acreditasse em Deus todo-poderoso, deixaria de curar homens, entregando a ele todo esse cuidado [...] ReiuX julgava estar no caminho da verdade, lutando com a criação tal como ela era. [...] Não sei o que me espera, nem o que virá depois de tudo isso. No momento, há doentes e é preciso curá-los. Em seguida, eles refletirão e eu também. Mas o mais urgente é curá-los. Eu os defendo como posso, é tudo (Camus, 2014, p. 121-122).

Essa é a atitude de um sujeito consciente do absurdo presente em sua vida. Sabe que o mundo não é suficientemente coerente com o que imagina. Precisa lutar com todas suas forças para enfrentar o absurdo que o circunda. Esse esforço exercido pelo sujeito é diário e não o faz crer em Deus por promessas eternas ou de vida futura. Apelar é deixar de esforçar-se no restabelecimento. É abrir mão das possibilidades que a própria força do sujeito é capaz.

O que importa é aquilo que o ser humano consegue fazer para se fortalecer em relação ao absurdo, não a crença na vida futura que ele projeta. O sujeito precisa ter a consciência de que o absurdo faz parte da vida de cada um. É necessário força para enfrentar esse mundo repleto de contradições.

Camus não quer edificar uma crença religiosa. Ele quer esclarecer a capacidade do homem em meio ao absurdo. “Não espere o Juízo Final. Ele se realiza todos os dias.” (Camus, 1956, p. 87). Com essa frase o autor reforça a ideia de absurdo impregnada na vida de cada pessoa. Todos estão diante de um mundo repleto de contradições e precisam viver dia após dia com o fardo da falta de clareza do mundo.

“Já que a ordem do mundo é regulada pela morte, talvez convenha a Deus que não acreditemos nele e que lutemos com todas as nossas forças contra a morte, sem erguer os olhos para o céu, onde ele se cala.” (Camus, 2014, p. 123). Nessa afirmação o autor apresenta seus princípios para apostar no homem na capacidade de restabelecer-se sem precisar apelar.

Pois ao apelar o sujeito não ganha respostas. É um caminho que causa mais sofrimento pela ausência de respostas.

A sociedade de Orã tem clareza do que deve ser feito para combater a peste. O que os levava a pensar que “era preciso lutar, desta ou daquela maneira, e não cair de joelhos. Toda a questão residia em impedir o maior número possível de homens de morrerem e de conhecerem a separação definitiva. Para isso havia um único meio – combater a peste. Essa verdade não era admirável, era apenas consequente” (Camus, 2014, p. 127). Nesse trecho o filósofo destaca a necessidade de encarar a peste sem apelação. Ela está presente e é preciso tomar alguma atitude para combatê-la.

A luta pela vida é consequência do ato de tomar consciência sobre o absurdo. O ser humano deve lutar pela vida que tem, e não apelar de joelhos por uma vida futura e misericordiosa. O absurdo é presente na vida do ser humano e precisa ser encarado com coragem. O ser humano, ao ver a realidade, constata sua absurdidade e toma a atitude de encará-la. Esse é o passo do homem que aceita o absurdo e luta por sua vida. A vida presente necessita ser valorizada. O seu valor busca-se todos os dias.

Camus é um autor interessante, pois se preocupa em identificar o que o tempo representa na vida do ser humano. No final da vida, o sujeito percebe que não passa de espectador de seu tempo. O que o sujeito pode fazer em meio disso é criar a sua história em relação ao absurdo. O tempo consome o sujeito até seu fim (Sousa, 2018).

O filósofo rejeita o suicídio por ser a fuga do homem de sua relação com o mundo. A relação com o mundo é uma relação absurda, tal relação só encontra seu fim com a morte. O importante é qual a atitude a ser tomada em meio à conclusão de que o mundo é repleto de incoerências em relação ao que o ser humano projeta (Barreto, 1971, p. 69). O sujeito vive em uma grande tensão com o mundo por possuir uma grande vontade de clareza.

“A vida para o raciocínio absurdo é um bem necessário, porque ela permite a existência dessa tensão, e sem ela o absurdo não teria condições de existir” (Barreto, 1971, p. 69). É o princípio no qual o autor de *O mito de Sísifo* conclui que em meio ao absurdo é necessário escolher a vida e não o suicídio. Pois ao escolher o suicídio o sujeito acaba com o absurdo e com isso também acaba toda e qualquer possibilidade de restabelecer-se em meio à situação absurda.

Portanto, Camus conclui que diante do absurdo o sujeito pode encontrar forças em si mesmo para enfrentar aquilo que ele considera ilógico e irracional. O mundo está repleto de dificuldades que podem paralisar o sujeito. Porém, o sujeito consegue por si só encontrar

forças para enfrentar o absurdo. Camus entende que não há necessidade de crer em entidade metafísica ou vida eterna para conseguir enfrentar o absurdo.

2.3 A LIBERDADE ABSURDA

Conforme Camus, o sujeito só consegue experimentar a própria liberdade e sobre isso não há muito a dizer. Pois o “problema da ‘liberdade em si’ não tem sentido. Porque está ligado de outra maneira ao problema de Deus” (Camus, 2019, p. 61). Esse problema é algo que deixa o homem preso a uma ideia que tira a potencialidade do sujeito.

Para Camus, se Deus existe e é todo-poderoso, os homens não têm liberdade. Mas, se o homem tem liberdade, Deus não é todo-poderoso. Por isso Camus não se prende a algo que lhe escapa de sua própria experiência. Não há liberdade vinda de um ser superior. O autor se preocupa com a liberdade de ação do sujeito. A partir de tal liberdade de ação as pessoas possuem a possibilidade e a disponibilidade em enfrentar o absurdo.

Antes de encontrar o absurdo, o homem cotidiano vive com metas, uma preocupação com o futuro ou a justificação [...]. Avalia suas possibilidades, conta com o porvir, com sua aposentadoria ou trabalho dos filhos. Ainda acredita que alguma coisa em sua vida pode ser dirigida. Na verdade, age como se fosse livre, por mais que todos os fatos se encarreguem em contradizer tal liberdade. Depois do absurdo, tudo fica abalado. A ideia de que ‘existo’, minha maneira de agir como se tudo tivesse um sentido (Camus, 2019, p. 62).

Na perspectiva camusiana, o absurdo leva consigo todas essas expectativas. A única liberdade que pode ajudar o homem é a liberdade do existir e não uma liberdade superior. Quando o homem deixa de lado a liberdade superior ele consegue viver com as contradições absurdas que o devastam. A morte é a única realidade. E, após constatar isso, a sorte está lançada. Camus quer destacar a necessidade de viver nesse mundo cheio de desprezo. Mesmo sem esperança, ele intensifica a coragem de viver sendo escravo da realidade. Essa realidade é a morte que espera a cada pessoa (Camus, 2019, p. 63).

Percebemos que Albert Camus justifica a vida, isto é, justifica seu ‘sim’ à vida pela necessidade de manter o absurdo. Portanto, fica claro que o absurdo é metódico, é o método camusiano para afirmar a vida. É um equívoco apresentar Camus como pessimista, uma leitura prudente nos mostra o contrário (Pimenta, 2012, p. 19).

A atitude a ser tomada diante do absurdo é viver a vida com coragem. Isso gera um otimismo no leitor das obras de Camus. O filósofo escreve de acordo com seu tempo e se

preocupa com a falta de motivação para viver. Camus consegue dar otimismo aos seus leitores no contexto de fome, miséria, morte e guerra. Isso gera um sentimento de força e luta em relação ao que é preciso enfrentar.

O homem absurdo conclui que não é totalmente livre, pelo fato de estar preso a preconceitos ligados ao seu meio social e de convívio. Por mais que busque se afastar desses preconceitos, eles sempre estão, indiretamente, presentes em sua vida. Quanto mais o ser humano crê, cria sentido a sua vida, ou procura uma verdade que lhe seja própria, mais ele cria limites em relação à sua vida. De acordo com as exigências postas pelas próprias pessoas, elas se tornam escravas de si mesmas por terem metas (Pimenta, 2012, p. 19).

O homem absurdo conclui que não há amanhã. Essa é a razão que coordena a liberdade absurda. Ele é “totalmente voltado para a morte (tomada aqui como a absurdidade mais evidente), sente-se desligado de tudo o que não é a atenção apaixonada que se cristaliza nele” (Camus, 2019, p. 64). O princípio da libertação é se sentir aliado à própria vida, sem ser ofuscado pelas ilusões de liberdade. A morte e o absurdo são os princípios da liberdade que o homem pode sentir ao viver. O mais razoável em relação à liberdade, para Camus, é o ser humano extrair ao máximo das possibilidades em meio ao absurdo. O homem absurdo diante do desmoronamento e do nada, recusa a esperança e a vida apelativa (Camus, 2019, p. 64-65).

Crer no absurdo é não supor uma escala de valores de nossas escolhas ou preferências. É uma indiferença em relação ao futuro e uma paixão em esgotar o que é dado. Crer no absurdo é substituir uma busca na qualidade das experiências por quantidade. Dessa forma o sujeito descobre que pode viver sem apelo (Camus, 2019, p. 65).

Se eu me convencer de que essa vida tem como única face o absurdo, se eu sentir que todo o meu equilíbrio reside na perpétua oposição entre minha revolta consciente e a obscuridade em que a vida se debate, se eu admitir que minha liberdade só tem sentido em relação ao meu destino limitado, devo então reconhecer que o que importa não é viver melhor, e sim viver mais. Não tenho que me perguntar se isto é vulgar ou enjooativo, elegante ou lamentável. Os juízos de valor ficam descartados aqui, de uma vez por todas, em benefício dos juízos de fato. Só posso extrair conclusões do que posso ver e não arriscar nada que seja uma hipótese (Camus, 2019, p. 65).

A obscuridade do mundo leva o sujeito a revoltar-se diante do absurdo constatado. A clareza não é encontrada. Isso faz o homem retirar conclusões daquilo que consegue ver e sentir e não daquilo que tem como hipótese. O valor dado às coisas entra em cheque, pois de nada valem em meio ao absurdo. Isso tira a liberdade do homem absurdo.

O absurdo indica, “por um lado, que todas as experiências são indiferentes e, por outro, estimula à maior quantidade de experiências” (Camus, 2019, p. 66). O grande erro é imaginar que a quantidade de experiências possíveis depende das circunstâncias da vida, quando depende somente do sujeito, que explora ao máximo as oportunidades das experiências. A dois homens que possuem o mesmo número de anos o mundo proporcionou a mesma soma de experiências possíveis. A diferença está em ter consciência disso e sentir ao máximo a vida. Reconhecer a revolta, a liberdade e viver ao máximo possível. Portanto nenhuma emoção, paixão ou sacrifício pode interromper o olhar do homem absurdo que escolheu pela vida. A morte é o único obstáculo que cessa a vida (Camus, 2019, p. 67).

Portanto, Camus consegue extrair três consequências do absurdo: a revolta, a liberdade e a paixão. Indica que é possível virar o jogo e tornar oportunidade de vida aquilo que leva o sujeito à morte. Rejeita-se dessa forma o suicídio. O mundo absurdo é repleto de diversidades (Camus, 2019, p. 67-68). Camus indica um modo de pensar que possa contribuir na relação do homem com o mundo. A tarefa a ser feita é viver de tal modo que o homem consiga enfrentar o absurdo presente, sem precisar tirar a própria vida, pelo fardo do absurdo.

CONCLUSÃO

O conceito de absurdo contém grande importância na sociedade, pois volta o olhar do filósofo de volta ao indivíduo. A preocupação do filósofo não deve ser somente com os sistemas abstratos e distantes da vida das pessoas. A filosofia do absurdo se preocupa com o suicídio e suas respectivas consequências. Segundo Camus, como visto acima, o absurdo só se finda com o término da vida. Porém, ao dar um fim à vida, por meio da morte voluntária, o sujeito restringe todas as possibilidades de restabelecer-se.

O absurdo é o resultado entre a necessidade das ideias claras das pessoas, com aquilo que o cosmos apresenta, uma relação impossível, jamais em adequação; intelecto humano é incompatível com aquilo que o mundo apresenta. Contudo, a própria percepção e consciência dessa realidade ambígua fazem com que o absurdo passa a ser tolerável.

Diante de tal pesquisa, é possível alcançar o objetivo de demonstrar quais elementos da filosofia de Camus auxiliam as pessoas a optar pela vida diante do absurdo. A partir dessa análise ratifica-se a necessidade de engajamento filosófico em relação ao absurdo. O engajamento está voltado à noção de propagação da vida de forma coletiva. Tendo em vista a

realidade absurda e a atitude em relação ao absurdo: “é preciso imaginar Sísifo feliz” (Camus, 2019, p. 124).

REFERÊNCIAS

ABSURDO. *In*: ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012.

ALMEIDA, R. R. Camus leitor de Heidegger: (os limites de uma) proximidade conceitual entre angústia e absurdo. **Pólemos – Revista de Estudantes de Filosofia da Universidade de Brasília**, Brasília, v. 8, n. 15, p. 76-95, 31 jul. 2019.

AURÉLIO, Marco. **Meditações**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2008.

BARRETO, Vicente. **Camus: vida e obra**. Rio de Janeiro: José Álvaro, 1971.

CAMUS, Albert. **A peste**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

CAMUS, Albert. **A queda**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1956.

CAMUS, Albert. **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2019.

DELLAGNEZZE, René. O estrangeiro, o existencialismo e a teoria do absurdo, no pensamento de Albert Camus. **Revista Âmbito Jurídico**, Rio Grande, RS, n. 164, ano XX, set., 2017.

GUIMARÃES, Carlos Eduardo. **As dimensões do homem: mundo, absurdo e revolta** (Ensaio sobre a filosofia de Albert Camus). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

HERRANDO, Carmen. Albert Camus e Simone Weil. **IHU**, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/597099-albert-camus-e-simone-weil>. Acesso em: 20 abr. 2024.

KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. São Paulo: Martin Claret, 2009.

MORBACH, Gilberto. Estado da Arte: Albert Camus: consciência e recusa, lucidez e revolta. **O Estado de S. Paulo (Estadão)**, 06 set. 2019. Disponível em: <https://estadodaarte.estadao.com.br/albert-camus-consciencia-e-recusa-lucidez-e-revolta/> N. Acesso em: 13 abr. 2024.

NARBONA, Rafael. ‘La peste’: Albert Camus em los tiempos del coronavirus, **El cultural**, 2020. Disponível em: https://www.elespanol.com/el-cultural/blogs/entreclasicos/20200317/peste-albert-camus-tiempos-coronavirus/475572446_12.html. Acesso em: 8 mai. 2024.

NOGARO, Arnaldo. **A questão do absurdo: uma reflexão filosófica a partir de Albert Camus**, 1991. Dissertação de Mestrado (Filosofia) – Curso de Pós-Graduação em Filosofia do

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, janeiro de 1991.

PAIVA, Rita. A precariedade humana e a existência estilizada. **Trans/Form/Ação**, Marília, v. 36, n. 1, p. 117-136, jan./abril, 2013.

PIMENTA, D. R. A postura camusiana perante o suicídio físico. **Fragmentos de cultura**, Goiânia, v. 22, p. 281-288, 2012.

SARTRE, Jean-Paul. **A náusea**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

SILVA, G. F. da. Corrigir a existência: a ética como estética em Albert Camus. **Cadernos de Ética e Filosofia Política** (USP), São Paulo, v. 1, n. 14, p. 207-224, 11, 2009.

SILVA, André Rodrigues da. **Uma contextualização filosófica sobre a filosofia do absurdo de Albert Camus e sua contribuição para a literatura**. Pelotas: Enciclopédia. 2016, p. 101-116. Disponível em: file:///C:/Users/EDUARDO/Downloads/9346-32610-1-PB.pdf. Acesso em: 17 mar. 2024.

SOUSA, Erica Costa. **Nietzsche e outras perspectivas**. Porto Alegre: Revolução eBooks – Simplíssimo, 2018.

SOUZA, Ricardo Timm de. **Sobre a construção de sentido: o pensar e o agir entre a vida e a filosofia**. São Paulo: Perspectiva, 2004.

VICENTE, J. J. N .B.; GONTIJO, F. D. O absurdo e a revolta em Camus. **Revista Trias** - Revista eletrônica online de Filosofia, História, Literatura e Ciências Sociais, São Paulo, v. 3, p. 1-10, 2011.

VIEIRA, L. A. V. Kierkegaard e Camus: uma análise da melancolia existencial. **Percursos**, Curitiba, v. 11, p. 3-14, 2011.